



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD**

**Geisiane Sousa Novais**

**NEOLOGISMOS NAS REDES SOCIAIS  
E OS SEUS IMPACTOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

**Brasília  
2013**

**GEISIANE SOUSA NOVAIS**

**NEOLOGISMOS NAS REDES SOCIAIS  
E OS SEUS IMPACTOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa – Revisão de Texto: Gramática, Linguagem e a Construção/Reconstrução do Significado.

Orientadora: Profa. Ma. María del Pilar Tobar  
Acosta

**Brasília  
2013**

**GESIANE SOUSA NOVAIS**

**NEOLOGISMOS NAS REDES SOCIAIS  
E OS SEUS IMPACTOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa – Revisão de Texto: Gramática, Linguagem e a Construção/Reconstrução do Significado.

Orientadora: Profa. Ma. María del Pilar Tobar Acosta

Brasília, 15 de julho de 2013.

**Banca Examinadora**

---

Profa. Ma. María del Pilar Tobar Acosta

---

Profa. Dra. Eneida dos Santos Silva

---

Profa. Dra. Tânia Cristina da Silva Cruz

Aos meus familiares, pilares da minha vida.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus por Sua infinita graça e por sempre me capacitar.

Agradeço aos meus familiares, pois sempre me apoiaram nos meus estudos, e sempre estiveram ao meu lado.

Meu sincero e grande agradecimento à professora/orientadora Maria Pilar Acosta pois, com o seu universo de conhecimento e de forma muito disposta, proporcionou-me um grande embasamento.

Meu enorme agradecimento aos amigos Miquéas Araújo, Thiago Casé, Gildo Fellipe e Fernanda Gomes. Obrigada por terem contribuído. Vocês são excelentes!

## RESUMO

O presente trabalho de monografia de conclusão de curso de especialização em Revisão de Texto objetivou investigar mudanças linguísticas no ambiente virtual, tendo como foco neologismos presentes em redes sociais, sendo o *facebook* a fonte analisada. Procuramos compreender como os processos de formação de palavras e refletir sobre quais impactos podem ocorrer no Português do Brasil. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica e coletamos neologismos de raiz de língua estrangeira a partir de postagens realizadas por perfis na referida rede. Pudemos observar que alguns dos neologismos foram criados/empregados para atender à necessidade comunicativa do momento ou para suprir a falta de um termo mais “apropriado”; outros, também, apresentam características que nos levaram a concluir ter em sido criados/empregados como recurso de economia linguística. Os resultados demonstram que línguas estrangeiras, sendo centralmente o inglês, têm forte influência na formação dessas novas palavras, EMPRÉSTIMOS e que elas, geralmente, formam verbos e adjetivos.

**Palavras-chaves:** Redes sociais, *Facebook*, Neologismos, Empréstimos, Formação de palavras, Português do Brasil.

## ABSTRACT

This graduation monograph on proofreading aims to investigate linguistic changes in the virtual environment, focusing on neologisms present on social networks, and facebook was the chosen network. We seek to understand the processes of word formation and reflect on the impacts that can occur in Brazilian Portuguese. In order to do so we conducted a literature research and collected neologisms of foreign root from facebook posts. We found that some of the neologisms were created and used to meet the communicative needs of the moment or to address the lack of a more "appropriate" term; other neologisms have characteristics that led us to conclude that they were created/used due to linguistic economy. The results demonstrate that foreign languages, specially English, have strong influence in these words' formation, LOANWORDS, and that they, generally, form verbs and adjectives.

**Keywords:** Social networks, Facebook, Neologisms, Loans, Formation of words, Brazilian Portuguese.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 CONTEXTUALIZAÇÃO .....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	14
2.1 Variação Linguística.....	14
2.1.1 A Gramática Tradicional e as variações linguísticas.....	15
2.1.2 Fatores da diversidade linguística.....	16
2.2 Gêneros digitais/virtuais .....	19
2.2.1 Gêneros textuais .....	19
2.2.2 Gêneros digitais .....	20
2.3 Neologismo e processos de formação de palavras .....	24
2.3.1 Neologismo.....	24
2.3.2 Palavras.....	27
2.3.3 Processos de formação de palavras .....	27
2.3.4 Ocorrência do empréstimo e estrangeirismo .....	29
3 ANÁLISE DE DADOS .....	33
3.1 Análise.....	33
3.1.1 Considerações sobre a análise .....	41
3.2 Análise contextual .....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
REFERÊNCIAS .....	46



## INTRODUÇÃO

O surgimento da internet, no século passado, desencadeou uma verdadeira “Revolução Digital”, sobretudo após a década de 1990. A história recente nos mostra como, no decorrer dos anos, a popularização do uso dessa ferramenta vem mudando as formas de comunicação e de interação entre os indivíduos. Como afirma Marcuschi (2002, p. 20), a Internet “criou uma imensa rede social (virtual) que liga os mais diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas numa velocidade espantosa e, na maioria dos casos, numa relação síncrona”.

Os meios de comunicação virtuais passaram a ter papel fundamental na sociedade, reconfigurando as relações sociais por meio dos espaços virtuais de interação. Com isso, alterou-se também o comportamento do homem nessa era moderna, modificando igualmente sua linguagem e as formas como ela se apresenta. Em consonância a isso, Othero (2002, p. 13) aponta que:

Através da rede, milhares de pessoas dos mais diversos países podem se comunicar simultaneamente [...]. Nunca as distâncias foram tão curtas. Nunca, também, as pessoas se utilizaram tanto da linguagem escrita para se comunicar.

Desse modo, a partir da modificação da linguagem decorrente da comunicação virtual, é que surgem novas palavras. A cada dia, em uma língua viva, por meio da qual uma comunidade de falantes vive, assim como há termos que caem em desuso, que se tornam arcaísmos, surge a necessidade de realizar novas palavras para atender às necessidades de comunicação desses falantes.

Um dos processos de formação de novas palavras, que podemos destacar, denomina-se neologismo, cuja etimologia nos elucida ser um termo composto de duas raízes,

sendo pois híbrido: do latim *-neo*, que significa novo, – e do grego – *logos*, que significa palavra. Diante do que esse termo representa é o que se pauta o trabalho, pois nele será focado os neologismos presentes nas redes sociais.

Nessa perspectiva, a velocidade com a qual o campo virtual se expande oferece uma maior flexibilidade para essa mudança da língua por meio da formação de novas palavras. Desse contexto, emergem neologismos, que são criados, apropriados e sedimentados pelo uso, na formação de inúmeras novas palavras.

O presente trabalho objetivou analisar casos que demonstrem a flexibilidade na formação de novas palavras e procurar observar possíveis impactos no Português Brasileiro, por meio de redes sociais, especificadamente o *facebook*. Partimos, assim, de uma análise feita sobre a rede social *facebook*, que serve, entre outros, de instrumento para a interação entre os usuários. A partir dessa análise, um dado se destacou: a relação direta entre sincronicidade das interações e a pluralidade de emprego de neologismos. Observamos que, na maioria das vezes, esses processos de formação de novas palavras ocorrem de forma síncrona, em que os interlocutores comunicam-se simultaneamente.

Em seguida, procedemos à coleta de dados no ambiente virtual, a partir da qual pudemos delimitar os contextos mais férteis para o emprego de neologismo e pudemos identificar os principais processos de formação envolvidos; sendo que todas as palavras que coletamos tiveram como característica central serem formadas por sufixação, e, grande parte, apresentar raízes tomadas de palavras de línguas estrangeiras – empréstimos e estrangeirismos.

Em nosso estudo, constatamos a necessidade de expansão das análises sobre as relações entre línguas diferentes promovidas no ambiente virtual e a influência direta sobre a velocidade das mudanças linguísticas na contemporaneidade. Buscamos, assim, contribuir para a compreensão sobre como esses neologismos são criados/empregados, a fim de entender

o constante crescimento dessas novas palavras e o impacto que elas podem causar no léxico gramatical.

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A produção textual no ambiente virtual tem se tornado cada vez mais central na vida contemporânea. A necessidade de uma comunicação e do estabelecimento de redes de informação mais ágeis proporcionou a expansão das práticas sociais no mundo virtual, possibilitando uma tele-interação entre pessoas de diversos lugares. Antes de tudo, é necessário ressaltar que a *internet* possibilita essa interação.

No decorrer dos anos, a popularização do uso da internet vem mudando as formas de comunicação e de interação entre os indivíduos. Como afirma Marcuschi (2002, p. 20), a Internet “criou uma imensa rede social (virtual) que liga os mais diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas numa velocidade espantosa e, na maioria dos casos, numa relação síncrona”, e essa imensidão de diversidade tanto de relações síncronas como de relações assíncronas de comunicação fizeram com que essas redes crescessem em número de usuários e na pluralidade de usos.

A internet passou a ter papel fundamental na sociedade, reconfigurando as relações sociais por meio dos espaços virtuais de interação. Com isso, alterou-se também o comportamento do ser humano na era da modernidade tardia (GIDDENS, 2000), o que influenciou drasticamente nos usos da linguagem, na maneira como representa, identifica e age sobre o mundo (FAIRCLOUGH, 2001). Como afirma Othero (2002, p. 13):

Através da rede, milhares de pessoas dos mais diversos países podem se comunicar simultaneamente [...]. Nunca as distâncias foram tão curtas. Nunca, também, as pessoas se utilizaram tanto da linguagem escrita para se comunicar.

É nessa modificação da linguagem, nesse caso, decorrente da comunicação virtual, é que surgem novas palavras. Nessa perspectiva, a velocidade com que o campo virtual se expande oferece uma maior flexibilidade para essa mudança por formação. Assim, desse contexto, emergem neologismos, que são criados, apropriados e sedimentados pelo uso, na ampliação do léxico.

Focalizando o caráter morfológico de conformação do léxico, existem, basicamente, dois processos de formação de palavras: a derivação e a composição. Na derivação tem-se o acréscimo de afixos – prefixos e sufixos – a um radical, e na composição há a combinação de dois ou mais radicais.

Assim, é possível observar como a língua(gem) dispõe de mecanismos internos que permitem aos falantes construir novas formas de significação. Desse modo, é possível afirmar que, de maneira natural, a língua não é um sistema estático, imutável. Pelo contrário, por ser dinâmica, passa por constantes mudanças, que afetam, em diferentes graus de profundidade, estruturas léxico-gramaticais, em uma relação da comunidade de fala e de sua realidade temporal/histórica.

Um dos espaços virtuais mais permeáveis à ocorrência de processos de criação/formação de novas palavras são as redes sociais, das quais se pode destacar o *facebook*. A referida rede social foi criada, em 2004, por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, com a finalidade de as pessoas poderem se relacionar, compartilhando informações, opiniões, fotografias, entre outros. Inicialmente, o intuito do *facebook* era o de ser uma rede social direcionada apenas para os alunos da Universidade de Harvard, em Massachusetts, Estados Unidos. Mais tarde, houve a abertura para outros usuários de outras universidades estadunidense, e, posteriormente, a rede dominou o cenário internacional, transcendendo as academias. Hoje, o facebook possui mais de 800 milhões de usuários, sendo

sua finalidade primordial servir como um site de relacionamento, mas, devido ao sucesso, torna-se também um espaço para a publicidade, promovendo muito lucro para seus acionistas.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Nesta seção, retomaremos os pressupostos teóricos que nos permitem construir uma investigação sobre a linguagem, seus usos e suas mudanças no ambiente virtual. Para tanto, ela se divide em três subseções: Na seção sendo que: em 2.1, apresentamos a variação linguística; em 2.2, abordamos gêneros digitais/textuais e, em 2.3, relatamos sobre o neologismo e processos de formação de palavra identificados na rede social.

### **2.1 Variação Linguística**

A língua portuguesa se origina do latim, língua do tronco linguístico indo-europeu falado, principalmente, pelos itálicos, e que tem como características, entre outras, a flexibilidade. E, por apresentar essa deriva natural de flexibilidade, somada a grande expansão do império romano, o latim passou por mudanças dramáticas, tanto pelo desenvolvimento natural, por questões internas à língua, bem como pelos contatos estabelecidos com outros povos, ou seja, com outras línguas.

É dessa língua, com o processo de colonização, no contato com as diversas línguas indígenas, bem como, com as línguas de matriz africana, que se origina o Português Brasileiro (CASTILHO, 2010). Nessa perspectiva, historicamente, a língua falada no país

constituiu-se, grosso modo, a partir da base sintática europeia e dos aportes lexicais dos demais sistemas linguísticos coexistentes.

Assim, durante esse processo, não só indígenas e africanos adquiriam a língua portuguesa, como também os portugueses introduziam elementos do léxico das línguas indígenas e africanas ao seu vocabulário. Nesse mesmo sentido de hibridação, a língua vinda de Portugal aceitava amplamente palavras cujas raízes eram estrangeiras, como, por exemplo, “chá”, de origem chinesa.

Desse modo, foi em razão dessas e de outras variáveis, que o idioma encontrou no Brasil um ambiente fértil para constituir-se de maneiras alternativas à que ocorreu na Europa. Assim, língua portuguesa sofreu mudanças que, ao longo de mais de quinhentos anos, com uma deriva natural própria, propiciaram a definição de feições e características gramaticas específicas que nos permitem distinguir a língua falada/praticada no país, das demais que compõem o corpo da lusofonia. Hoje, o português falado em Portugal e o falado no Brasil apresentam variações no campo sintático, semântico e fonético, constituindo línguas diferentes que mantém, no entanto, um laço de fraternidade pela origem.

### 2.1.1 A Gramática Tradicional e as variações linguísticas

A língua Português do Brasil (PB), por ser uma língua natural, cuja vida é conferida pela comunidade de fala que a pratica, está em constante mudança. Em oposição a essa tendência natural da mudança e da adequação às necessidades da comunidade, está a



doutrina da Gramática Tradicional que compreende que a língua deve manter-se estática, e seus falantes devem seguir rigorosamente regras impostas por uma norma culta.

Essa vertente gramatical se preocupa em manter essa norma, o que, de fato, assegura uma ordem na língua, mas, também, não pode ignorar os fatores que levam a essas constantes mudanças. Para Bagno (2009, p. 65), os gramáticos são como “uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um igapó, à margem da língua”.

Nesse sentido, é possível compreender por que gramáticos tradicionais não procuram descrever a língua, mas, sim, normatizá-la, não admitindo a possibilidade de mudanças. Ainda, conforme aponta Bagno (2009, p. 96)

Ora, a doutrina gramatical tradicional, cristalizada nos compêndios normativos, é a fonte de onde jorra, há mais de dois mil anos, o conjunto de mitos que configuram a ideologia do preconceito linguístico. Diante disso, porque autores que se pregam o reconhecimento e o respeito da variação linguística, livros com seções tão bem dedicadas à leitura e a produção de textos continuam apegados à tradução do ensino transmissivo e acrítico da doutrina gramatical?

Assim, é possível observar que para o autor, há um abismo entre a norma ensinada nas escolas e a realidade da língua, conforme praticada pela sociedade; sendo que, em vários de seus textos, o linguista advoga pela necessidade de haver uma nova compreensão dos processos da língua e conseqüentemente uma nova maneira de se estudar a gramática que substitua aquela que padroniza a forma certa de falar, que não se atenta que a fala dominante não está de acordo com a sua doutrina.

### 2.1.2 Fatores da diversidade linguística

Para que possa ser entendido o porquê de tanta mudança na língua, é preciso atentar para diversos fatores. Dentre eles, é possível destacar dois: variação geográfica, ou diatópica; e variação social, ou diastrática.

Em relação ao primeiro, o Brasil é um país com uma vasta extensão territorial, sendo o quinto maior do mundo (IBGE). Devido a essa enorme área territorial, há diferenças linguísticas entre as distintas regiões do país. Afora essa distância, essas regiões foram colonizadas por países diferentes; algumas colonizadas pelos alemães, outras por holandeses, espanhóis etc. Nesse período de colonização, dialetos, sotaques e expressões específicos foram formados, ao passo que contribuiu fortemente para que cada região tenha características marcantes. De forma mais curiosa temos a região norte, que tem uma presença substancial da população indígena. Além dessas colonizações, o Brasil faz fronteira com diversos países da América do Sul, o que permite um entrosamento entre os povos, gerando trocas de léxicos. Em cada região do país apresenta, pois, suas particularidades, o que ocorre, inclusive, internamente aos estados da federação, determinadas partes dele têm as suas características.

Em razão das diferenças políticas e econômicas que existem entre cada região do país, ocorre a seleção de uma das variedades como sendo a de maior prestígio, o que coincide com a variedade praticada pela comunidade de fala de maior poder socioeconômico, que historicamente releva-se ser a variedade urbana culta do eixo Rio de Janeiro/São Paulo. Em razão disso, estrutura-se uma forma de preconceito social que elege a forma linguística selecionada pelo falante para discriminá-lo.

A esse respeito, Bagno (2009) arrola sete mitos fundamentais do preconceito linguístico. Um deles é de que, no Maranhão, fala-se o “português correto”. O autor, em um ato de manifestação, preconiza:

Ora, somente por esse arcaísmo, por essa conservação de um único aspecto da linguagem clássica literária, que coincide com a língua falada em Portugal ainda

hoje, é que se perpetua o mito de que o Maranhão é o lugar “onde melhor se fala o português” no Brasil. Acontece, porém, que os defensores desse mito não se dão conta de que, ao utilizarem o critério prescritivista de correção para sustentá-lo, se esquecem de que os mesmos maranhenses que dizem tu és, tu vais, tu foste, tu quiseste, também dizem: Esse é um bom livro para ti ler, em vez da forma “correta”, Esse é um bom livro para tu leres. (BAGNO, 2009, p. 63-64)

Na visão do autor, não se deve afirmar que determinada comunidade de uma região específica fale bem ou mal a língua, pois, cada uma tem uma forma específica que atende “perfeitamente” às necessidades de suas comunicações. Em uma percepção ampla do assunto exposto neste tópico, Bagno (2009, p. 27) afirma:

Com isso também se nega o caráter multilíngue do nosso país, onde são faladas mais de duzentas línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos, línguas surgidas das situações de contato nas extensas zonas fronteiriças com países vizinhos, além de falares remanescentes das diversas línguas africanas trazidas pelas vítimas do sistema escravagista.

Nesse contexto, é notório que a língua portuguesa falada no Brasil sofre essa variação devido a fatores de colonização, que a princípio teve choque com a língua indígena, falada pelos habitantes nativos, do nosso país até fatores que englobam os dias atuais. O segundo aspecto que destacamos acima refere-se à variação diastrática da língua. Para se compreender a diversidade social da língua, devem-se avaliar diferentes fatores: idade, posição social, escolaridade, entre outros.

A idade apresenta essa variação devido ao grau de conhecimento conforme o acesso à linguagem. Quando, por exemplo, uma criança começa a falar, ela começa a dizer tudo o que ouve. Nos verbos, por exemplo, ela começa a fazer ligações de terminações verbais; nisso, ela apresenta formas verbais inadequadas à norma culta. Exemplo: *Eu sabo*, ao invés de dizer *eu sei*. Esse fenômeno ocorre por subtender, por exemplo, que ela ouviu alguém dizer o verbo fazer na primeira pessoa do presente *Eu faço isso*.

A variação linguística também se faz presente no fator social. O poder econômico permite o indivíduo a ter um prestígio quanto à norma culta, pois ele tem acesso aos melhores

ensinos, o que não significa menosprezar o que tem o poder econômico inferior, mas sim reconhecer a realidade escolar do nosso país.

Quando duas pessoas da mesma idade, uma tendo escolaridade e a outra não, a forma de falar será bastante diferenciada. A escolarizada terá sempre uma preocupação em falar de acordo com a norma culta que foi ensinada; já a pessoa não escolarizada não terá essa preocupação. Na visão dessa, ela não tem um parâmetro, para ela está correto a forma de falar, o que muito das vezes gera um preconceito por parte do escolarizado.

Acerca disso, Bagno (2009, p. 27) relata que:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização.” (BAGNO, 2009, p. 27)

Esse fator ainda tem que ser superado, pois falar de acordo com a norma culta não significa dizer que a pessoa fala melhor que aquela que não tem acesso à escolaridade, pois são diversos *os porquês* dessa variação, como os supracitados por Bagno. Assim, a variação linguística deve ser tomada como um dado natural da língua, e, como linguistas, que se dedicam à ciência da língua, devemos observá-la e descrevê-la sem julgamento de valor, este que é totalmente contrário à ética que deve pautar nosso trabalho.

## **2.2 Gêneros digitais/virtuais**

### 2.2.1 Gêneros textuais

Os gêneros textuais são as formas de comunicação orais ou escritas que nós utilizamos para a comunicação. Segundo Bakhtin (apud MARCUSCHI, 2006, p. 19), os gêneros textuais são tipos “relativamente estáveis” de enunciados e distinguem-se pelo conteúdo temático e pelo estilo. De acordo com as nossas necessidades, podemos escolher inúmeros gêneros textuais diferentes para passar uma mensagem, de acordo com o tema, os receptores do texto, a intenção do locutor e o grau de formalidade exigido pelo texto.

Sem que percebamos, nós lidamos com gêneros textuais frequentemente: uma placa, um bilhete, um anúncio de jornal, uma mensagem de *outdoor*, uma charge, um cartão de aniversário ou de natal. Todas essas formas de comunicação são utilizadas por nós com algum objetivo comunicativo.

Há alguns anos, a base de análise de um texto era apenas o tipo de texto que o caracterizava. O que isso significa? Que a preocupação principal era identificar se o texto era predominantemente narrativo, descritivo ou dissertativo. Com os estudos sobre os gêneros textuais desenvolvidos por teóricos como Bakhtin, Bazerman e Marcuschi, o foco passou a ser o enunciado concreto – o gênero – e o tipo de texto passou a ser destacado dentro desse enunciado.

### 2.2.2 Gêneros digitais

Segundo Marcuschi (2004, p. 15), são chamados gêneros digitais “os gêneros desenvolvidos no contexto da hoje denominada *mídia eletrônica*, identificada centralmente na tecnologia computacional a partir dos anos 70 do século XX”. Com o advento da Internet e, conseqüentemente, o grande aumento na velocidade da comunicação, alguns gêneros foram transmutados, isto é, serviram de base para criação de novos gêneros, buscando a passagem do maior número de informações no menor tempo possível.

Daí surgiram os gêneros que serão tratados aqui: o chat, o blog e o e-mail, transmutações, respectivamente, do telefonema, do diário, do bilhete e da carta. Suas origens e características próprias.

### ***O Chat***

Segundo Araújo (2004, p. 91), “a conversação em tempo real, ocorrida nos chats, é resultado da transmutação do diálogo cotidiano de sua esfera de origem para uma esfera eletrônica, que é a *web*”. O principal tipo de conversação em que se baseia o chat é o telefonema, já que os dois gêneros não permitem a comunicação face a face. Um gênero não anula a necessidade do outro, e a escolha do gênero depende muito dos participantes, já que no telefonema é possível ouvir a voz um do outro, e, por outro lado, no chat é possível o envio de imagens.

O chat pode dispor de som, imagem e escrita, sendo os dois últimos os recursos usados mais comumente; o chat é síncrono, permitindo a comunicação instantânea entre os

usuários; o chat pode exercer várias funções, como bate-papos em salas abertas, chats reservados, entrevistas com convidados e chats educacionais.

### ***O Blog***

O termo deriva da abreviação de “weblog” (*web* – rede de computadores e *log* – diário de bordo em que os navegadores anotavam as posições do dia), e pode ser traduzido como “arquivo na rede”. O blog figura entre os gêneros emergentes mediados pela tecnologia computacional. Essa expressão surgiu em 1997, usada por John Barger, a fim de designar um software criado para funcionar como uma espécie de “diário de bordo”, no qual os internautas poderiam armazenar listas de links interessantes. Há também outra versão para a criação do blog – em 1999, Evan Williams, da empresa americana Blogger, teria concebido essa ferramenta para publicação de textos em meio virtual.

As primeiras versões de blog serviam para registrar as leituras que os internautas faziam em suas navegações. Um pouco mais tarde, passou a ter a função de diários pessoais. Para a criação de um blog é necessário apenas o conhecimento de algumas ferramentas da linguagem HTML, ao contrário dos sites ou homepages, que demandam conhecimento especializado em computação, daí o sucesso imediato desse gênero. É o que afirma Ormundo (2009, p. 206):

Os blogs podem ser considerados como um sistema padronizado de publicação na Internet. [...] o formato desse gênero permite que os produtores dos textos atualizem os fatos de forma rápida. Como não há necessidade de conhecimento técnico para a

formatação e para a criação dessas páginas, percebe-se a popularização desse tipo de publicação de textos.

Com o passar do tempo, essa ferramenta ganhou espaço devido à facilidade de edição, atualização e manutenção dos textos publicados, o que facilita o manuseio até mesmo por aqueles que não possuem familiaridade com a tecnologia computacional, além da gratuidade de hospedagem nos sites provedores desse tipo de serviço. Novos recursos semióticos foram incorporados – recursos de áudio, imagem, reconfiguração da linguagem escrita por meio do uso de emoticons, marcas de oralidade – para melhor atender à nova função desse gênero emergente. Atualmente, os blogs mantêm a mesma interface do primeiro, apesar da diferença da configuração exterior e da função inicial.

### ***O E-mail***

O e-mail surgiu por volta da década de 1970 no Departamento de Defesa dos EUA, mas tornou-se popular apenas nos anos 1980. Sua principal finalidade é a comunicação social interativa. Conhecido como “correio eletrônico”, o e-mail é um dos gêneros textuais mais produzidos no mundo por agregar a rapidez do meio eletrônico à praticidade.

Segundo Oliveira e Paiva (2002), a transmissão de mensagens, principal finalidade do e-mail, passou por vários estágios até sua forma atual, desde a transmissão de mensagem via mensageiro, por volta de 190 a.C., na Grécia, com assuntos militares, até a utilização de pombos-correios pintados com cores representativas. Foi com o advento da escrita que surgiram novas formas de comunicação, dentre as quais se destacaram,



inicialmente, as tábuas de argila e, posteriormente, de cera, até os famosos papiros trocados entre Roma e seus exércitos. Segundo a autora, somente a alta sociedade (governo, intelectuais, religiosos, comerciantes e universitários) é que faziam uso dos correios.

Em seu texto “E-mail: um novo gênero textual”, a autora afirma:

[...] a transmissão de mensagens iniciou-se de forma oral, com mediação humana, depois vieram os textos escritos (tijolos de argila, tábuas de cera, papiros, e documentos em papel – cartas, bilhetes, memorandos, ofícios, requerimentos). Uma revolução na transmissão de mensagens acontece com o advento do computador e a criação do correio eletrônico. (OLIVEIRA E PAIVA, 2002, p. 3)

Com o surgimento da internet, aumentou significativamente o número de gêneros textuais existentes, dentre os quais o e-mail, que por ser uma forma de comunicação escrita mais ágil e prática, acreditava-se que provocaria o fim dos correios tradicionais e das cartas manuais, o que não aconteceu, pois os correios continuaram sendo muito utilizados. Marcuschi (2004, p. 38) afirma que “em comunicação, parece que as tecnologias mais colaboram do que competem”.

## **2.3 Neologismo e processos de formação de palavras**

### **2.3.1 Neologismo**

Evanildo Bechara, em *Moderna Gramática da Língua Portuguesa* (2004), afirma que os neologismos utilizam diversos caminhos para penetrar na língua, mediante a utilização

de elementos já existentes no idioma (palavras, prefixos, sufixos), quer no significado usual, quer por mudança do significado. Em outras palavras, pode-se falar dos tipos de neologismos: formal, semântico e pragmático.

Segundo Correia e Lemos (2005, p. 17), o neologismo é formal quando “apresenta uma forma não atestada no estágio anterior do registro de língua” (p. 17), ou seja, são palavras novas formadas por processos morfológicos e/ou sintáticos de construção, ou ainda aquelas provenientes de importação; o neologismo semântico corresponde “a uma nova associação significado-significante, isto é, uma palavra já existente adquire uma nova acepção” (CORREIA; LEMOS, p. 18), tornando-se polissêmica; e o neologismo pragmático “resulta da passagem de uma palavra previamente usada num dado registro para outro registro da mesma língua” (CORREIA; LEMOS, p. 18).

Há também os chamados neologismos de especialidade, ou terminologias, que são “logo a partir do momento de sua formação, unidades da língua, mais precisamente, fazem parte do subsistema linguístico que é a linguagem de especialidade a que pertencem” (CORREIA; LEMOS, 2005).

Os neologismos formais resultam do emprego de dois processos de formação de palavras da língua, que são a derivação, com o uso de afixos, e a composição, quando há a junção de duas ou mais bases. Aqueles resultantes de afixação podem ser de três tipos: derivação prefixal, sufixal e parassintética. A este trabalho interessa o processo de formação de palavras por derivação prefixal e sufixal.

O falante de uma língua utiliza o neologismo com a intenção de nomear novos objetos ou conceitos, e até mesmo com a finalidade de estabelecer uma comunicação com sucesso quando as unidades lexicais que lhe são oferecidas pela língua não são suficientes

para exprimir com exatidão o que se deseja comunicar. Dessa forma, a partir de seus conhecimentos linguísticos ele forma uma nova palavra que estabeleça sucesso na comunicação.

Segundo Alves (1994, p. 6) “é através dos meios de comunicação em massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm a oportunidade de serem conhecidos e eventualmente serem difundidos”. Um neologismo pode ser dicionarizado desde que utilizado com frequência pelos falantes da língua, com boa aceitação entre eles, e não esteja preso a um só contexto e a um só autor. Como afirma Alves (1994, p. 84):

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma.

Há uma estreita relação entre os neologismos e o contexto social em que foram criados. A língua, em cada estado e em cada situação, possui neologismos para corresponder a novas noções de realidade surgidas na coletividade, em determinado momento histórico. Assim, pode-se dizer que os neologismos traduzem as visões de mundo, bem como as ideologias dos falantes de uma língua.

Novos termos são introduzidos na língua por meio dos processos de formação de palavras. Segundo Basílio (2004), esses processos efetuam a expansão do léxico, e são [...] “fórmulas padronizadas de construção de novas palavras a partir de material já existente no léxico. Por meio desses padrões, podemos formar ou captar a estrutura de palavras e, portanto, adquirir palavras que já existiam, mas que não conhecíamos anteriormente” (BASÍLIO, 2004, p. 10).

São inúmeras as definições acerca do termo neologismo, mas verifica-se que se coincidem em suas essências. De forma abrangente, pode-se conceituar *neologismo* como o

processo de formação de novos léxicos a partir de léxicos já existentes ou a partir de palavras estrangeiras, assunto este discorrido no trabalho.

### 2.3.2 Palavras

De acordo com a gramática tradicional, *palavra* é abordada como a unidade mínima da linguística; com o passar do tempo, foi considerada como o centro da análise linguística.

Mattoso Câmara Jr (1997) define *palavra* como “vocábulo provido de significação externa, concentrada no radical; noutros termos, vocábulo provido de semantema”, que é o elemento da palavra que tem significação externa. Em uma abordagem geral, *palavra* é conceituada como unidade da língua escrita. Unidade essa que pode formar frases, períodos, textos, entre outros. Na seção seguinte, explicitaremos os principais processos de formação de palavras.

### 2.3.3 Processos de formação de palavras

Existem, basicamente, dois processos de formação de palavras: a derivação e a composição. Na derivação tem-se o acréscimo de afixos – prefixos e sufixos – a uma raiz, e na composição há a combinação de duas ou mais bases.

No processo de formação de palavras por composição, os itens linguísticos são criados a fim de nomear seres, ações, fatos, objetos, entre outros, referindo-se a noções individuais, em que os dados primitivos deixam de exercer uma significação própria para produzir um novo conceito específico. Nessa perspectiva, uma nova palavra é criada, a fim de atender a uma necessidade de nomeação dos elementos da realidade dos falantes. Existem dois tipos de composição: por justaposição, em que os elementos são dispostos lado a lado, sem perder o aspecto sonoro; e por aglutinação, em que os elementos se aglutinam, perdendo sua integridade sonora (KOCH; VILELA, 2001).

Já o processo de derivação é responsável pela formação de outras palavras, que se relacionam semanticamente à base quanto à forma e quanto ao significado, alterando, ou não, a sua classe gramatical. A derivação pode ser prefixal, em que é acrescentado à base um prefixo; sufixal, na qual é adicionado um sufixo; e parassintética, em que ocorre o acréscimo simultâneo de um prefixo e de um sufixo (KOCH; VILELA, 2001). É necessário pontuar que prefixos e sufixos diferenciam-se entre si pelo fato de os prefixos serem antepostos à base e os sufixos pospostos a ela, e possuem como características comuns o fato de serem elementos presos e servirem para formar inúmeras palavras.

No processo de formação de palavras por derivação, os afixos são elementos estáveis, que possuem função sintática ou semântica predeterminada, delimitando os possíveis usos e significados das palavras formadas em seus diferentes processos. O caráter comum e geral das noções envolvidas no processo de formação é que determina a produtividade dos

afixos. O significado de uma palavra derivada, normalmente, é a soma dos significados das partes que a compõem (BASÍLIO, 1998).

#### 2.3.4 Ocorrência do empréstimo e estrangeirismo

Antes de se falar em empréstimo e estrangeirismo, faz-se necessário abordar dois temas importantes que contribuem para que ocorram esses dois fenômenos. Ferdinand Saussure, que é considerado o pai da linguística moderna, dividiu suas pesquisas em dois estudos dicotômicos: a língua e a fala. Essas duas formam a linguagem, que na visão de Saussure (2002, p. 16), “tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber uma sem a outra”. Em consonância com isso, para Mattoso Câmara Jr. (1998, p. 159), linguagem é:

A faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado língua, que os organiza numa representação compreensiva em face do mundo subjetivo interior, pela atividade da linguagem ou fala.

Nessa perspectiva, a expansão tecnológica proporciona uma interação mundial e permite o contato de um indivíduo com outros indivíduos de idiomas diferentes da sua língua materna. O idioma é uma ferramenta fundamental para que se ocorram o empréstimo e o estrangeirismo. Câmara Jr. (1998, p. 142) classifica idioma como:

O termo com que se insiste na unidade lingüística inconfundível, de uma nação em face das demais. Enquanto o conceito de língua é relativo e se aplica a uma língua comum, a um dialeto, a um idioleto, só se refere à língua nacional, propriamente dita, e pressupõe a existência de um estado político, do qual seja a expressão lingüística; o mirandês, por exemplo, é uma língua, mas não um idioma.

À luz dessas reflexões, é possível abordar os conceitos de ‘empréstimo’ e ‘estrangeirismo’. Cada país, pode-se, assim, dizer que tem a sua língua específica, mas ela está em constante evolução. Não são línguas isoladas, estão sempre em contato com outras línguas. São diversos os fatores que contribuem para esse contato com outras, como, por exemplo, as fronteiras entre países, o turismo, o comércio, entre outros.

Com isso, a língua deixa espaços para que ocorra o empréstimo. Em uma abordagem ampla, empréstimo pode ser resumido na integração de uma palavra de determinado idioma a outro idioma, sem que ela sofra grandes alterações na sua semântica e grafia.

Para Dubois (2000, p. 209), empréstimo é entendido:

Quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou traço emprestado é, por sua vez, chamado de empréstimo. O empréstimo é o fenômeno sócio-lingüístico mais importante entre todos os contatos de línguas.

Para uma percepção melhor, será usada, como exemplo, a palavra *futebol*. Futebol é um léxico vindo do inglês, *football*, que o Brasil aderiu para fazer alusão ao conjunto de 11 jogadores com objetivo de fazer gols, ou seja, pelo mesmo motivo com o qual a palavra *football* é empregada no Inglês. A grafia mudou para se adequar a língua brasileira, mas permaneceu a mesma sonoridade e semântica. No inglês, *foot* significa *pé*, e *ball* significa *bola*. Já no português, *futebol* não tem o mesmo significado, apenas modificou a grafia de forma que mantivesse a pronúncia. Se fosse traduzido ao pé da letra, não seria *futebol*, seria *pébola* ou *pé-bola*. Nesse caso, o vocábulo *futebol* é um empréstimo do inglês.

Segundo Matoso Câmara Jr. (1998, p. 104,105), seria esta a definição:

Empréstimo é a ação de traços linguísticos diversos dos do sistema tradicional. O condicionamento social para os empréstimos é o contacto entre povos de línguas diferentes, o qual pode ser por coincidência ou contigüidade geográfica, ou, à

distância, por intercâmbio cultural em sentido *lato*. A coincidência ou contiguidade geográfica determina os empréstimos íntimos e a língua a que é feito o empréstimo constitui um substrato, um superstrato ou um adstrato. Os empréstimos à distância são culturais.

No estrangeirismo, encontra-se uma pequena diferença em relação ao empréstimo.

No nosso cotidiano, às vezes usa-se termos que nem sempre se sabe a origem, nem tão pouco se é um termo de caráter nacional ou internacional. O estrangeirismo consiste em aderir um termo que não existe em determinado idioma para nomear um objeto conhecido mundialmente, sem que altere a sua grafia e sua carga semântica, que pode também se denominar como aportuguesamento.

Câmara Jr. (1998, p. 111) classifica esse fenômeno de forma peculiar:

Os empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou os vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante. Na língua portuguesa os estrangeirismos mais freqüentes são hoje galicismos e anglicismos. O vocábulo estrangeiro, quando é sentido como necessário, ou pelo menos útil, tende a adaptar-se à fonologia e à morfologia da língua nacional, o que para a nossa língua vem a ser o aportuguesamento.

Para exemplificar melhor essa teoria, focalizaremos o exemplo da palavra *show*.

Essa palavra é denominada um empréstimo do inglês corriqueiro no PB contemporâneo, que tem como significado “mostrar”. Na acepção geral do termo em PB, a fidelidade semântica constitui uma apresentação musical ou de entretenimento. No Brasil, esse empréstimo ou estrangeirismo é empregado com a mesma grafia, pronúncia e sendo delimitado o conceito de “mostrar” para o seu hipônimo de mostra artística.

#### 2.3.4.3 O gênero digital facebook e os neologismos

O gênero digital facebook serviu como *corpus* de análise deste artigo. As



diversas esferas da atividade humana estão relacionadas ao uso da linguagem, e a partir do objetivo e do interesse específicos de cada atividade é que os enunciados linguísticos se realizam de formas variadas. Os gêneros digitais se interagem com os gêneros textuais, que são formas organizadoras da vida social, que surgem lado a lado com as necessidades e atividades socioculturais (MARCUSCHI, 2003).

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma e de outra esfera da atividade humana. [...] Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 279)

Frequentemente, lidamos com linguagem e, conseqüentemente, em novos gêneros (BAKHTIN, 2003). No facebook, a interação propicia um ambiente, produzindo significados, compreensão e ação crítica, assegurando aos usuários a troca dialética e promovendo interação entre eles a qual é fundamental para o desenvolvimento pessoal e social. Nesse sentido,

A mediação é um processo dinâmico nos quais as ferramentas ou artefatos culturais modelam as ações das pessoas. Entretanto, essa modelagem só acontece na medida do uso que fazem os indivíduos. Uma nova ferramenta cultural altera todo o fluxo e a estrutura das funções mentais. (WERTSCH apud FREITAS, 2005, p. 29).

As mensagens trocadas no facebook entre amigos têm aspecto informal, criando um confronto entre a língua padrão e a informatizada, dependendo do grau de intimidade entre o destinatário e remetente. Conforme Marcuschi (1986, p. 5):

ao falarmos de em gêneros textuais, devemos tomá-los como exemplares de situações discursivas, concebendo ele a tipologia de texto como uma gradação de realizações textuais de acordo com certos critérios, que podem ter variações mais ou menos sensíveis da fala para a escrita.

Esses conceitos ajudam a compreender a liberdade que os integrantes de uma rede social têm em relação à língua. Essa “intimidade” entre eles diminui a responsabilidade com a forma adequada de utilização das palavras, o que gera os neologismos.

### 3 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, abordaremos especificamente a análise dos dados linguísticos que coletamos no ambiente virtual. Assim, apresentaremos as informações e a análise dos itens lexicais que compõem este trabalho. Para o *corpus* demonstrativo deste trabalho foram utilizadas seis publicações, coletadas no mês de janeiro de 2013, que apresentam neologismos formais. Os dados foram extraídos do facebook e apontam como neologismos na língua brasileira podem estar se formando.

Foram utilizados os dicionários Houaiss (2009) e Aurélio (2009) como *corpus* de exclusão na investigação do caráter neológico dos itens estudados, por serem os mais conhecidos e utilizados no Brasil. A contextualização é feita por meio da inserção das imagens das publicações logo no início da análise do dado para melhor visualização e entendimento.

A seguir, serão analisados, um a um, os dados coletados, a fim de confirmar a produtiva renovação do léxico nos textos de caráter interativo do gênero virtual, utilizando o processo de formação de palavras por derivação prefixal e/ou sufixal.

#### 3.1 Análise

Existem inúmeros adjetivos formados a partir de substantivos que são, grosso modo, “emprestados” de outras línguas, no caso, principalmente, do inglês. Percebe-se que

esse idioma é uma língua que predomina no ambiente virtual. Devido essa predominância, verifica-se a facilidade na ocorrência de novas palavras decorrentes do inglês.

Podemos citar, como exemplo, o caso prototípico/ padrão, “internético”, que foi observado em vários contextos. Vejamos o exemplo que segue na Figura 1:

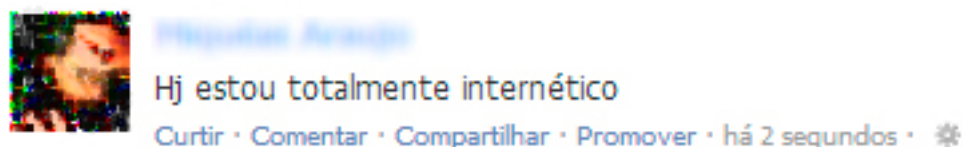


Figura 1

Ao abordar a análise morfológica dessa palavra podemos observar que em sua atualização para o PB, foi formada pelo substantivo *internet*, que, em si, já constitui um empréstimo do inglês. Observemos, pois a formação original do referido substantivo, que se divide no prefixo de origem latina *inter-*, que significa entre, e a raiz *net*, que, sozinha, é um substantivo que significa ‘rede’.

Ao ser tomado para formação de palavras de outras classes gramaticais, o substantivo inicial passa a ser uma raiz *internet-*, que tem uma semântica fechada. A este agrega-se o o sufixo *-ico*, que tem como função, no PB, formar adjetivos a partir de bases substantivais. Assim, podemos perceber como a conformação do adjetivo se dá com base em um radical emprestado de outra língua e de um morfema existente no PB. Bem como, podemos compreender como o léxico é emprestado, mas a estrutura mais profunda da língua—no caso, os processos de formação – mantêm-se estáveis.

Como foi demonstrado na análise 1, o radical, ou o que toma o lugar do radical em neologismos dessa classe de palavras e processo de formação de palavras é o substantivo estrangeiro, no caso “internet”. Este que, por sua vez, em uma análise etimológica, em que buscamos investigar o processo de formação original do substantivo estrangeiro, revela-se ser

conformado a partir de elementos menores, ou seja, morfemas do latim – o que configura um “empréstimo”, ou, no caso, um parentesco do inglês com o latim – e do próprio inglês.

Além disso, ao ser incorporado pelo Português Brasileiro, o substantivo, já híbrido, recebe uma carga semântica materializada pelo sufixo de formação de adjetivos de nossa língua. Em uma reflexão mais aprofundada, podemos observar que esses morfemas – no caso focalizado “inter” e “net” – evidenciam que o “empréstimo/contato” entre língua remonta uma cadeia ancestral; tendo em vista que *inter-* é um prefixo de origem latina, que significa *entre* e *-net* é um radical original do inglês que significa *rede*. Desse modo, podemos dizer que se configura uma cadeia de relações de uma língua com a outra. Isso evidencia a deriva natural de incorporação e de mudança das línguas em razão do contato dos povos que as praticam.

Passemos ao segundo exemplo de nossos dados: a palavra *facebookando*.

Vejamos a Figura 2:



Figura 2

Na Figura 2, a palavra *facebookando* é formada pelo substantivo estrangeiro *facebook*, que, no caso é um nome próprio, sendo o nome da rede social. No inglês, a palavra *facebook* é formada pelo radical *face*, que tem como equivalente em PB o substantivo *face*/rosto, ao qual se associa outro radical *book*, tem como equivalente em PB o substantivo *livro*.

Em um estudo mais profundo, a palavra *face* é usada tanto no português quanto no inglês, tendo a mesma grafia e semântica, mas com pronúncia diferente. No inglês, pronunciamos /feys; no português, pronunciamos /faci/. Etmologicamente, *face* vem do latim, *facies*, onde, tanto para o inglês quanto para o português, houve uma supressão dos fonemas /i/ e /s/.

No contexto da rede social, inicialmente se deve à relação com os livros anuários dos cursos de educação básica e superior do sistema de ensino estadunidense, em que há a cultura de tirar fotos e de coletar informações básicas sobre a biografia de todos os alunos que estudaram em um determinado ano para compor esses anuários. Ao mesmo tempo, pode-se entender que atualmente, o a rede social também assuma a carga semântica de autobiografia, retrato da vida pessoal.

A este substantivo, que passa a ser um radical, ao ser apropriado pelos falantes do PB, são acrescentados a vogal temática -a-, que é um infixos e que tem como função a formação de verbos da primeira conjugação, e o sufixo *-ndo*, que serve para formar o gerúndio, que é uma forma nominal dos verbos, não apresentando as semânticas de tempo e modo, mas que contribui para a formação do aspecto, tendo como principal função constituir um processo verbal em andamento, não acabado.

Assim, no contexto específico, podemos observar que o neologismo transmite a ideia de uma ação em andamento, *facebookando*, então, pode representar a perífrase: “Passando parte do tempo utilizando o facebook”.

Nesse sentido, a palavra em foco – “facebookando” – é a flexão de uma palavra que deve ter sido constituída anteriormente: o verbo “facebookar”. Este dado comprova o que, em outros estudos sobre o mesmo tema, observou-se acerca da preferência pelo paradigma da primeira conjugação para a formação de novos verbos em PB.

O mesmo ocorre com o exemplo que segue na Figura 3:



Figura 3

O termo *funkeirar* é um neologismo formado por derivação sufixal, em que o substantivo masculino *funk*, que, segundo o dicionário Houaiss (2009), é um nome que se originou na década de 1960, e que nomeia um “tipo de música americana de origem negra com ritmos sincopados e em compasso binário”.

Este é, então, instrumentalizado pelo PB, passando a ser um radical, ao qual se acresce, inicialmente, o sufixo nominal -eiro/a, que atua para a formação do nome *funkeiro/a*, que pode ser tanto adjetivo quanto substantivo. Esse sufixo significa “aquele que executa algo”. Este adjetivo, então formado, em um segundo momento, e igualmente ao caso anterior que analisamos, perde a terminação nominal de formação de gênero e recebe a vogal temática -a- e o sufixo -r, de formação do infinitivo verbal.

O mesmo padrão de formação de nomes é encontrado com a base radical de *facebook* no exemplo que segue na Figura 4:



Figura 4

O termo *facebookeiro* é um neologismo formado pela base substantiva *facebook*, adicionada ao sufixo *-eiro*. O sufixo *-eiro* é um formador de substantivo, podendo significar, nesse contexto, “aquele que faz uso de algo regularmente”.

A formação da palavra *facebook* já foi estudada na figura 2, onde encontramos o prefixo *face-*, que se interpreta como *face/rosto*,+ o sufixo *-book*, que se traduz na palavra *livro*. Também foi estudada a etimologia da palavra.

Sendo assim, infere-se que o neologismo *facebookeiro* significa “aquele que tem um perfil na rede social Facebook”.

Em seguida, passamos ao termo “googlada” que foi encontrado em nossa coleta de dados documentais. Vejamos o contexto do exemplo que segue na Figura5:

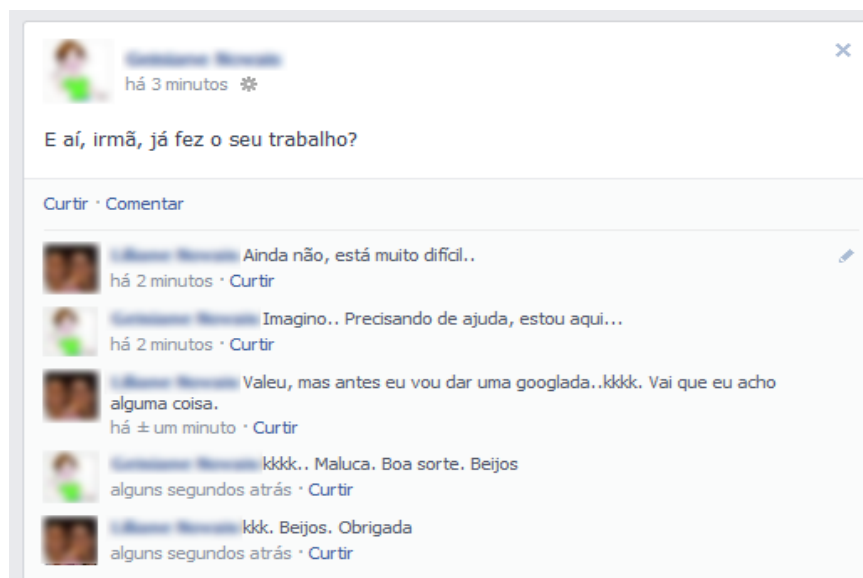


Figura 5 - Googlada

O termo “googlada” é formado pela base substantiva *google*, que é, assim como *facebook*, um nome próprio, mas, no caso, de um site de buscas extremamente usado no ambiente virtual. Vale destacar que o *Google* é uma empresa norte-americana que presta serviço *online*, onde são depositadas infinitas informações acerca de inúmeros assuntos. O pesquisador, ao digitar um determinado assunto ou determinada palavra, o google oferece uma gama de trabalhos acadêmicos, artigos, reportagens, entre outras informações que abordam acerca do que foi digitado na sua barra de pesquisa.

E, justamente, pelo o fato de o Google proporcionar essa infinidade de pesquisa, é que o substantivo “google” tem sua origem na matemática, sendo originada de “googol”, que se refere à representação numérica  $10^{100}$ , ou seja, o dígito um seguido de cem números zero. Sua explicação se baseia apenas no fato da diferença entre um número imenso e o infinito.

Igualmente a *facebook*, ao ser apropriado pelo PB, o termo passa a ser um radical, ao qual se acrescentam o infixo -a- (vogal temática) e sufixo -r, para a formação do verbo no infinitivo, “googlar”. Este verbo teria a carga semântica de “buscar” ou “pesquisar” por meio



do referido site. Em seguida, este verbo, já atualizado para o PB, constitui um substantivo deverbal pela queda do sufixo *-r* e pela adição do sufixo *-da*.

Esse sufixo *-da* é utilizado tanto para representar uma ação quanto uma coletividade. Nesse contexto, é um indicativo de determinada ação. Pode-se constatar, então, que o neologismo *googlada* trata-se de uma ação, ato de procurar. Quando o usuário usa a palavra *googlada*, pode-se inferir que ele está querendo dizer “vou dar uma ‘procurada’ em arquivos disponíveis no google acerca do assunto que desejo encontrar.”.



Figura 6 - Monografando

O neologismo *monografando* é formada pelo prefixo *monografia-* + o sufixo *-ndo*. De acordo com o dicionário Houaiss, *monografia* é “um trabalho escrito acerca de determinado ponto da história, da arte, da ciência, ou sobre uma pessoa ou região”. A palavra também tem as suas peculiaridades, ela é formada pelo prefixo grego *móno*, que significa *um só*, e pelo sufixo *graphein*, que se traduz em *escrever*.

Ao ser apropriado pelo PB, o termo passa a ser um radical, ao qual se acrescentam o infixo *-a-* (vogal temática) e sufixo *-r*, para a formação do verbo no infinitivo, “monografar”, léxico este já dicionarizado. Em seguida, este verbo, já atualizado para o PB, constitui um substantivo deverbal pela queda do sufixo *-r* e pela adição do infixo *-i-* e do sufixo *-nda*.

O sufixo *-ndo*, que é um formador de gerúndio, ou seja, nesse contexto, exprime a ideia de uma ação em curso que, agregado ao prefixo *monografia-*, transmite uma mensagem como “Hoje estou passando o dia fazendo a monografia”.

### 3.1.1 Considerações sobre a análise

Desse modo, é possível constatar/verificar que a formação de palavras novas, em PB retoma padrões de formação de línguas latinas e podemos observar a cadeia de diversos momentos históricos, dá-se por meio de empréstimo, não são vernaculares. Assim, os neologismos são resultado de processos recorrente/regulares em línguas naturais. Em havendo a necessidade social, contextual diferente, a língua(gem) será adaptada, sofrerá mudanças para atender a esses novos imperativos.

Alguns dos neologismos foram criados para atender à necessidade expressiva do momento ou para suprirem a falta de um termo mais “apropriado”; outros podem ter sido criados como recurso de economia linguística. O que é deveras importante é que o falante utiliza todos os meios disponíveis e todas as possibilidades que a língua lhe oferece, explorando e extrapolando seus limites.

Uma marca importante no neologismo, por sufixação, de verbos, é a presença da primeira pessoa.

Observa-se que vários verbos foram criados com o advento da informática, tais como: Logar, printar, resetar, escanear, becapear, butar, etc., e que todos eles são pertencentes à primeira conjugação. Isso se deve ao fato de ser a primeira conjugação a mais produtiva em língua portuguesa (MENDES; SEABRA, 2006, p. 242)

Esse fenômeno pode ser percebido nos três excertos: “Vou funkeirar mano”; “Passando o dia monografiando” e “Valeu, mas antes eu vou dar uma googlada”. No primeiro e segundo excertos, percebe-se a ausência do pronome *eu*, mas fica evidente a sua marca.

### 3.2 Análise contextual

Como observamos, os processos de formação de palavras da classe de adjetivos seguem, basicamente, dois padrões: a partir de substantivo – nominal – e a partir de verbos – deverbal. A nominalização é a transformação de determinadas classes em substantivo e em adjetivos

Os adjetivos nominais ocorrem de maneira prototípica em contexto em que o adjetivo deriva de um substantivo – nome – por sufixação. Como podemos verificar nos dois excertos:

- (1) Hj estou totalmente **internético**.
- (2) Festa do **facebookeiro**. Quem vai?

Como podemos analisar, no excerto (1), a estrutura padrão em que ocorreu o adjetivo nominal é: a posição do predicativo do sujeito, em que atribui uma característica ao sujeito. No excerto (2), a palavra facebookeiro qualifica o conjunto de pessoas usuárias do facebook.

Nos demais excertos, percebe-se a formação de palavras a partir de um substantivo, transformando-o em verbo. Essa transformação também ocorre através da sufixação.

- (3) Só **facebookando**, né, mlk?
- (4) Valeu, mas antes eu vou dar uma **googlada**..kkkkk...

- (5) Passando o dia **monografiando**..
- (6) Vish, vou **funkeirar** mano... e tu?

Verifica-se que as suas formas nominais – gerúndio, particípio, e infinitivo – dependem do contexto em que se inserem. Nos excertos (3) e (5), os neologismos verbais encontram-se no gerúndio, indicando os atos das ações, ou seja, permitem deduzir que os atos estão sendo praticados no momento em que foram inseridos. O gerúndio, nesses casos, indica que a ação está acontecendo.

No excerto (4), o neologismo encontra-se no particípio. O particípio se assemelha mais com o adjetivo do que com uma forma nominal do verbo. No contexto analisado, a palavra googlada indica uma ação ainda por fazer, nesse caso, indica que “vai dar uma procurada”, uma vez que o “google”, substantivo radical do neologismo, é um meio de se obter informações acerca de inúmeros assuntos através de pesquisas.

No excerto (6), a estrutura em que ocorreu o verbo foi a posição dele na frase. Ele indica a ação do sujeito, embora o sujeito esteja oculto (Eu). Nesse caso, houve uma locução verbal, em que o “vou” age como um verbo auxiliar, e o “funkeirar” age como um verbo principal. Nesse caso, o verbo indica que o sujeito ainda vai praticar a ação de “funkeirar”.

Percebe-se, então, que os neologismos, nos casos analisados, surgem dependendo de sua influência no contexto, que definirá se eles serão um adjetivo ou um verbo. Sendo um verbo, verifica-se sua forma nominal a partir do momento da sua ação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gêneros digitais, resultantes das transmutações dos gêneros textuais devido ao advento da internet, são inúmeros e estão em constante evolução. Esses novos gêneros, ou gêneros emergentes, como conceituou Marcuschi (2004), permitem aos seus usuários vivenciar diferentes relações, que ultrapassam os limites físicos espaciais e sociais.

Diante dessa revolução, a *internet* passou a ter papel fundamental na sociedade, reconfigurando as relações sociais por meio dos espaços virtuais de interação. Com isso, alterou-se também o comportamento do ser humano na era da modernidade tardia, o que influenciou drasticamente nos usos da linguagem, na maneira como representa, identifica e age sobre o mundo. Como afirma Othero (2002, p. 13):

Através da rede, milhares de pessoas dos mais diversos países podem se comunicar simultaneamente [...] Nunca as distâncias foram tão curtas. Nunca, também, as pessoas se utilizaram tanto da linguagem escrita para se comunicar.

É nessa modificação da linguagem, nesse caso, decorrente da comunicação virtual, que surgem novas palavras. Nessa perspectiva, a velocidade com que o campo virtual se expande oferece uma maior flexibilidade para essa mudança por formação. Assim, desse contexto, emergem neologismos, que são criados, apropriados e sedimentados pelo uso, na ampliação do léxico.

Com base na análise dos itens lexicais arrolados neste trabalho percebeu-se que o léxico não é estável – ele se expande a fim de atender às necessidades de nomeação, comunicação e expressividade dos falantes, cuja criatividade pode ser observada a partir dos recursos oferecidos pela língua.

Nota-se que os falantes se utilizam, ainda que não percebam, de mecanismos da própria língua, dos recursos morfológicos – os processos de formação de palavras – para

criar novos termos.

Entre os itens estudados, percebe-se a predominância do processo de derivação sufixal, com seis ocorrências verificadas – internético, facebokando, funkeirar, facebookeiro, googlada e monografiando.

Nesta análise, os neologismos nem sempre foram vernaculares. Alguns dos neologismos foram criados para atender à necessidade expressiva do momento ou para suprirem a falta de um termo mais “apropriado”; outros podem ter sido criados como recurso de economia linguística. O que é deveras importante é que o falante utiliza todos os meios disponíveis e todas as possibilidades que a língua lhe oferece, explorando e extrapolando seus limites.

## REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. **Neologismo**. São Paulo: Ática, 1994.

ARAÚJO, J. C. R. de. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. dos S. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico** – O que é, como se faz. 50 edição. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1998.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CORREIA, M.; LEMOS, L. S. P. de. Inovação lexical em português. In: \_\_\_\_\_. **Cadernos de Língua Portuguesa**, 4. Lisboa: APP, 2005. (Edições Colibri).

DUBOIS, Jean et all. **Dicionário de linguística**. São Paulo, Cultrix, 2000.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Século XXI**. (versão eletrônica). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. CDROM.

FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. (versão eletrônica). Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CDROM.

KOCH, I. V.; VILELA, M. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **O hipertexto como um novo espaço da escrita em sala de aula.** In: Linguagem & ensino. Vol. 4 n. 1, 2002 (p. 20).

\_\_\_\_\_. **Gêneros Textuais:** definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., 2004.

MATTOSO CÂMARA JR. 1997[1977]. **Dicionário de Linguística e Gramática.** 18 ed. Petrópolis: Vozes.

CAMARA Jr., J. Mattoso. **Princípios de linguística geral.** Rio de Janeiro, Padrão, 1989.

MENDES, Humberto. SEABRA, Maria C. T. Costa. **Neologismo:** evolucionismo e criacionismo lingüísticos. UFMG, 2006.

OLIVEIRA E PAIVA, V. L. **E-mail:** um novo gênero textual. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/emailgenero.htm>>. Acesso em: abr. 2013.

ORMUNDO, J. S. A dinâmica do uso social dos diários on-line. In: VIEIRA, J. A et al. **Olhares em Análise do Discurso Crítica.** Brasília: Cepadic, 2009.

OTHERO, G. A. **A língua portuguesa nas salas de bate-papo:** uma visão linguística de nosso idioma na era digital. Novo Hamburgo: Edição do Autor, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo, Cultrix, 2002.